

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora

Class.: 783

Data: 20.05.92

Pg.: _____

COMPORTAMENTO

Estudo mostra violência contra os índios no Rio Grande do Sul

□ A conclusão é de um estudo antropológico de uma tribo caingangue encomendado pela Procuradoria do Estado

CARLOS WAGNER

Tenente Portela — O preconceito está matando com mais violência os povos indígenas gaúchos do que as balas dos povoadores brancos. A conclusão é de um laudo antropológico feito a pedido da Procuradoria da República no Rio Grande do Sul, que mostra uma série de crimes impunes contra a tribo caingangue da reserva indígena da Guarita, em Tenente Portela. O laudo revela com detalhes o preconceito das autoridades da Justiça Estadual e Polícia Civil na apuração de delitos envolvendo índios.

O laudo é um documento minucioso com 60 páginas. Foi feito pela antropóloga gaúcha Ligia T. Lopes Simonian, mestrada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutoranda pela Universidade da Cidade de Nova Iorque. Ela trabalha há 15 anos com a questão indígena gaúcha, onde produziu vários livros e teses. O laudo, concluído no ano passado, faz parte das investigações de irregularidades que a Procuradoria da República faz na Guarita.

A linguagem é direta, e o relato começa lembrando um crime em novembro de 1987. Naquele seco novembro de 1987, a sociedade dos brancos de Tenente Portela foi sacudida pelo crime da professora Lorinete Maria Brambati na Guarita. Segundo o processo-crime 1.352/76, ela foi estuprada e incendiada junto com a casa pelos caingangues Leontino Nénkai Sales, João Káfei Sales e Joãozinho Konã Sales. Depois de uma bebedeira, os três tiveram relações sexuais por mais de uma hora com a vítima e a mataram.

Eles foram condenados. Alegaram inocência e reivindicaram uma



Pesquisa: antropóloga investigou os caingangues de Tenente Portela

revisão na condenação. Segundo Ligia, há muitas dúvidas neste processo. Ela diz que a denúncia dos índios de que tinham sido surrados para confessar não foi investigada. A antropóloga acusa a Justiça e a Polícia de terem tratado o assunto com preconceito. E cita como exemplo os seguintes termos, usados para referir-se aos acusados, encontrados no processo: vulgos, bugres e selvagens.

ARRENDAMENTOS — Ligia diz que o alibi dos acusados não foi investigado. Ela defende uma revisão na condenação. O pano de fundo onde acontece este episódio também não foi levado em conta no processo. Os caingangues são donos de 25 mil hectares de terra entre Portela e Miraguaí. Nos últimos anos, criminosos brancos aliam-se com lideranças indígenas corruptas e desmataram quase toda a gleba. Esta

aliança resultou no arrendamento ilegal das terras caingangues aos brancos.

A manipulação das lideranças pelos brancos resultou no trágico episódio de 1983: os caciques Ivo Sales Ribeiro e Domingos entram em conflito pelo controle da venda ilegal de madeira e pelos arrendamentos clandestinos, resultando em cinco índios mortos e 13 feridos. Segundo Ligia, a participação dos brancos neste episódio também não foi devidamente investigada.

Estas terras arrendadas são responsáveis por 25% da produção de grãos de Portela e Miraguaí. Segundo o laudo, o uso indiscriminado de venenos agrícolas feitos pelos arrendatários e agricultores lindeiros à reserva é responsável por vários abortos. Além disso, os arrendamentos dificultam o acesso à terra dos índios, o que resulta em vários danos à sua cultura. O caso

de Basílio Krag-Far Claudino é um exemplo de preconceito contra os índios da Justiça Estadual, cita Ligia. Segundo o processo-crime 14.029-74, Claudino foi esfaqueado sete vezes por João Mário de Moraes, acusado de homicídio qualificado. No mesmo caso, o médico Élio Rubens é acusado de omissão de socorro. Houve um retardamento na condução do processo, que Ligia atribui ao fato de um dos acusados ser médico.

MULHERES — Ainda há dois casos que não se transformaram em processos-crimes. Na página 30 do laudo está o do assassinato das caingangues Xarina da Rosa e Adelaide Salles, feitos com perversidade. Diz o laudo: "Xarina da Rosa é encontrada morta em 1984, com um pedaço de taquara trespassando seu corpo, o qual é colocado entre a vagina e a boca". O corpo foi encontrado na área indígena nos arredores de Portela. Segundo o relato de Ligia, chegaram a ser inquiridas algumas pessoas. Elas informaram que o sangue estava escorrendo quando abriram a porta do veículo que recolheu o corpo.

O caso da morte da indígena Adelaide também é terrível. Conhecida como Mineira, "ela foi abatida com um ferro, tendo a cabeça e o pescoço praticamente destruídos, pelo seu companheiro branco...", afirma o laudo. O companheiro de Adelaide foi preso, quando a estava enterrando, e logo depois libertado.

Em 1986 aconteceu o assassinato da índia Nair Salles. Esfaqueado, o seu cadáver foi jogado por cima de uma cerca de arame farpado, onde ficaram pedaços do seu corpo. Há outro crime que segue o mesmo padrão. O índio Basílio Claudino foi esfaqueado oito vezes, além de ter os órgãos genitais decepados e colocados no seu peito. O branco João Bonifácio foi preso e liberado logo em seguida. A antropóloga Ligia conclui que as autoridades são mais rápidas em elucidar os crimes que envolvem índios como réus, do que os praticados contra os indígenas. Alerta que, na pressa de apontar a culpa dos caingangues, como é o caso da professora Lorinete, acabou atropelando a lei.